

A Natureza Heterogênea do Discurso

Glória Pacheco*
CNPQ/PIBIC

Resumo: *Aproximamos a Análise de Discurso francesa (AD) da Teoria Literária através de duas noções que evidenciam a constituição heterogênea do discurso, a heterogeneidade discursiva e a intertextualidade. Temos o propósito de verificar as particularidades desses conceitos a partir da concepção de discurso e da prática analítica de cada disciplina. Complementando a reflexão, apresentamos a análise discursiva de um poema de Carlos Drummond de Andrade, a qual demonstra as diferenças nos procedimentos analíticos das duas áreas no que diz respeito à relação entre discurso e exterioridade.*

Palavras-chave: *discurso; heterogeneidade discursiva; intertextualidade.*

Abstract: *We approach the French Discourse Analysis from Literary Theory through two notions that evidence the heterogenous constitution of the discourse, the discursive heterogeneity and the intertextuality. We have the purpose to verify the particularities by these concepts considering the conception of the discourse and the analytical practice for each subject. Adding to the discussion, we present the discourse analysis from a poem by Carlos Drummond de Andrade, in which it demonstrates the differences in analytical procedures in these two areas according to the relation between discourse and exteriority.*

Key words: discourse, discursive heterogeneity, intertextuality.

Introdução

Devido à complexa natureza de seu objeto teórico e à particular formação do seu quadro epistemológico — cujos fundamentos estão relacionados com a Linguística, o Materialismo Histórico e a Psicanálise — a Análise do Discurso francesa¹ (AD) é uma disciplina de natureza aberta, em permanente interlocução com as outras ciências humanas, pois é explorando as contradições presentes nos seus discursos que a AD reconfigura seu estatuto teórico e seus procedimentos de análise.

Coerentes com essa orientação, nosso projeto — *As interfaces da Análise de Discurso no quadro das ciências humanas* — busca mapear os quadros teóricos das áreas vizinhas para discernir as suas especificidades com relação à AD. Nesse sentido, as primeiras indagações foram direcionadas para a Psicanálise e para a Educação, resultando em interessantes percursos através da noção de sujeito.

* Formada em Letras - UFRGS - 2003/1. Artigo baseado no trabalho *A interface Análise do Discurso – Teoria Literária: Constituição e reelaboração dos conceitos de heterogeneidade discursiva e intertextualidade*, vinculado ao projeto *As interfaces da Análise de Discurso no quadro das ciências humanas* e apresentado no XIV Salão de Iniciação Científica, sob a orientação da Profa. Maria Cristina Leandro Ferreira e com o apoio do programa CNPq-PIBIC/UFRGS.

¹ Vinculada, especificamente, ao filósofo e linguista francês Michel Pêcheux.

Dando seqüência a nossos estudos, decidimos examinar as possibilidades de estabelecer uma interface com a Teoria Literária. Assim, depois de algumas incursões teóricas, a via de acesso escolhida relaciona dois conceitos que foram afetados pelas reflexões teóricas de Mikhail Bakhtin: a heterogeneidade discursiva da AD e a intertextualidade de uma das correntes da Teoria Literária.

Em primeiro lugar, faremos breves referências ao dialogismo e à polifonia, as duas proposições teóricas de Bakhtin que oportunizaram as noções aproximadas neste espaço. Na seqüência, apresentaremos as etapas que consideramos mais significativas na elaboração do conceito de heterogeneidade discursiva para, em seguida, fazer o mesmo com relação à intertextualidade. Finalmente, analisaremos um poema com o propósito de exemplificar o funcionamento da heterogeneidade no discurso literário.

O dialogismo e a polifonia de Bakhtin

Conforme Bakhtin, um enunciado, ao ser isolado do seu processo de enunciação e transformado numa abstração lingüística, perde o que tem de essencial, a sua natureza dialógica, pois a realidade fundamental da linguagem é o dialogismo. Este conceito tem como base o movimento de dupla constituição entre a linguagem e o fenômeno da interação socio-verbal, isto é, a linguagem se instaura a partir do processo de interação e este, por sua vez, só se constrói na linguagem e através dela. Porém, o dialogismo não se reduz às relações entre os sujeitos nos processos discursivos; pelo contrário, se refere também ao permanente diálogo entre os diversos discursos que configuram uma sociedade. É esta dupla dimensão que nos permite considerar o dialogismo como o princípio que determina a natureza interdiscursiva da linguagem.

Estreitamente ligada ao dialogismo, outra noção bakhtiniana importante é a polifonia, que nos leva a compreender a impossibilidade de contar com as palavras como se fossem signos neutros, transparentes, já que elas são afetadas pelos conflitos históricos e sociais que sofrem os falantes de uma língua e, por isso, permanecem impregnadas de suas vozes, seus valores, seus desejos. Assim, a polifonia se refere às outras vozes que condicionam o discurso do sujeito.

A heterogeneidade do discurso na AD

Em *Análise automática do discurso* (1969) — obra fundadora da disciplina — Michel Pêcheux se ocupa da definição de vários conceitos fundamentais para o quadro teórico da AD, porém ainda não desenvolve nenhuma reflexão específica a respeito da natureza heterogênea do discurso. Até mesmo nos procedimentos analíticos não se concebia a possibilidade de que um discurso relacionado com uma determinada formação discursiva (FD) pudesse estar atravessado por outros discursos, nem sequer em situação de aliança, muito menos em oposição. Em conseqüência, considerava-se o discurso homogêneo, identificado plenamente com a ideologia na qual se inscrevia a sua FD.

Vários estudos subseqüentes apontam algumas incoerências na articulação entre discurso, formação discursiva e uma ideologia marcada pela presença de forças contrárias, criando controvérsias a respeito da rigidez dos limites de uma FD e questionando a convicção de um espaço discursivo homogêneo. Todavia, é só a partir de *Semântica e Discurso* (Pêcheux, 1975) — uma revisão de certos elementos do quadro teórico da AD — que a contradição inscrita na ideologia começa a ser evidenciada na FD, o que provoca a sua reformulação e os primeiros esboços da noção de heterogeneidade do discurso.

Pêcheux prossegue com essas reflexões em *Remontémons de Foucault a Spinoza* (1977), no qual comprova que no interior de uma FD coexistem discursos provenientes de

outras formações discursivas, cujas relações nem sempre são pacíficas. Ele conclui, então, que o discurso não constitui um bloco homogêneo, idêntico a si mesmo, pois reproduz a divisão e a contradição presentes na FD da qual procede. Desta maneira, a formação discursiva passa a ser caracterizada pela heterogeneidade, o que determina, conseqüentemente, a natureza heterogênea do discurso.

Esse processo de revisão de conceitos foi empreendido tendo sempre em vista a categoria da contradição, que se entende como a impossibilidade de falar, simplesmente, numa ideologia dominante em contraposição a uma ideologia dominada. Isto se explica porque a divisão está presente na mesma ideologia dominante, devido à luta de classes como contradição histórica que determina seu funcionamento. Em outras palavras, a contradição está inscrita na ideologia porque ela é inerente a toda formação social. E sendo a ideologia um elemento que constitui o discurso e condiciona os processos de significação, a categoria da contradição também se inscreve na prática discursiva.

Por isso, considerando que a base dos processos discursivos é a linguagem, pois ela é mediação entre o sujeito e o seu entorno, podemos concluir que um espaço social caracterizado pela permanente disputa de forças antagônicas deixa, irremediavelmente, marcas tanto na linguagem quanto no sujeito. Nesse sentido, a AD concebe a linguagem como um lugar de conflito e opacidade que, com a conjunção da história, constitui, por sua vez, um sujeito descentrado, dividido, incompleto.

E é esse sujeito cindido que se desloca para além dos limites da sua FD na busca de completude e afirmação da sua identidade, assim como nos mostra Courtine em *Analyse du discours politique* (1981). Nesta obra, além de dar novos contornos à noção de FD — que passa a ser compreendida como *matriz de sentidos que regula o que o sujeito pode e deve dizer e, também, o que não pode e não deve ser dito* — ele demonstra que são as fronteiras fundamentalmente instáveis das FD que permitem seus constantes deslocamentos e reconfigurações. Desta forma, Courtine torna evidente o processo que determina a natureza heterogênea do discurso.

Contudo, é Authier-Revuz, *Heterogeneidade(s) enunciativa(s)* (1984), que confere à noção de heterogeneidade discursiva uma maior definição, tendo como base a problemática do discurso como produto do interdiscurso, a teoria do sujeito construída pela psicanálise e o dialogismo e a polifonia de Mikhail Bakhtin.

Segundo a autora, o princípio da heterogeneidade parte da idéia de que a própria linguagem é heterogênea na sua constituição; e, como a materialidade do discurso é de natureza lingüística, é lógico considerá-lo também heterogêneo. Porém, falar em linguagem heterogênea significa considerar as relações interlocutivas, com o reconhecimento das outras vozes que marcam as palavras, conforme a polifonia de Bakhtin. Na AD, no entanto, a heterogeneidade se relaciona com o interdiscurso, o exterior constitutivo que dá condições para a construção de qualquer discurso, num processo de reelaboração ininterrupta que comporta toda a historicidade inscrita tanto na linguagem quanto nos processos discursivos.

Para verificar o funcionamento da noção na prática analítica, Authier distingue duas formas de heterogeneidade: constitutiva e mostrada. A primeira não se apresenta na organização linear do discurso, visto que a alteridade não é revelada, permanece no interdiscurso e, por isso mesmo, não é passível de ser analisada. A segunda traz marcas da presença do outro na cadeia discursiva, ou seja, a alteridade se manifesta ao longo do discurso e pode ser recuperada de maneira explícita através da análise. A heterogeneidade mostrada pode ser ainda *marcada e não-marcada*. Quando for *marcada*, é da ordem da enunciação, visível na materialidade lingüística, como, por exemplo, o discurso direto, as palavras entre aspas. Se for *não-marcada*, então, é da ordem do discurso, sem visibilidade, como o discurso indireto livre e a ironia.

Com a noção de heterogeneidade discursiva, a AD não só abandona a idéia de um discurso homogêneo como também desestabiliza os conceitos de unidade do sujeito e unidade do texto dos estudos tradicionais da linguagem. Como o sujeito e o discurso já são heterogêneos na sua constituição, a ilusão de unidade tanto no sujeito quanto no texto não passam de efeitos ideológicos.

Há outros interessantes trabalhos que propõem novos enfoques para a noção de heterogeneidade discursiva, pois ela constitui um campo instigante e propício para constantes retomadas. Mas, neste trabalho, optamos pelos estudos de Authier-Revuz — nos quais constatamos a presença teórica de Bakhtin na AD — como via de acesso para fazer a travessia das fronteiras da literatura e explorar a heterogeneidade do seu discurso.

A heterogeneidade do discurso na Teoria Literária²

A organização e sistematização das diferentes correntes que investigam o fenômeno literário nas primeiras décadas do século XX, empreendida por Wellek e Warren (*Teoria da Literatura*, 1948), representa, além do nascimento oficial da disciplina, a revelação de duas tendências importantes nos estudos literários. Por um lado, a busca de autonomia na definição de métodos e conceitos capazes de dar conta do caráter específico da produção literária e de dotar as análises de objetividade e rigor científicos. Por outro, a ênfase no estudo da organização do texto literário na sua imanência, levando em conta sua coerência interna e não mais os referentes fora do texto.

A segunda tendência tem relação com a lingüística, cujo forte advento nas ciências humanas e sociais atingiu também os estudos literários, que não conseguiram resistir à sua irradiação teórica, ainda mais considerando que a especificidade do literário tem a ver com a linguagem. Nesse sentido, são as correntes formalistas as que levam até às últimas conseqüências a análise estrutural da linguagem aplicada à literatura. Esta se centra na consideração dos fatos de linguagem observáveis no texto e, em geral, despreza a dimensão socio-histórica da produção literária.

Em conseqüência, a idéia de homogeneidade que subjaz aos conceitos de texto e sujeito da lingüística estrutural se reflete também nos estudos literários. Procura-se, até certo ponto, vislumbrar na estrutura da obra certos procedimentos homogêneos de composição, bem como marcas de um único sujeito-autor concebido como o criador. Já quando se trata de verificar as fontes de um determinado texto, costuma-se analisar a influência predominante de um autor na obra do outro, ou seja, não se leva em conta ainda a multiplicidade de fontes, nem se trabalha com a idéia de constituição heterogênea da obra literária. É o que pode ser constatado, por exemplo, na obra de Harold Bloom, *A angústia da influência* (1973), na qual se enfoca a relação basicamente bilateral e cheia de conflitos entre poetas fortes.

Essas tendências começam a ser revisadas, principalmente, a partir da teoria da intertextualidade de Julia Kristeva (1969), instaurada com base no dialogismo e na polifonia de Mikhail Bakhtin. Um de seus princípios é o de considerar a obra literária uma estrutura em aberto, motivando o estudo mais aprofundado das complexas relações que se estabelecem entre os textos e a revisão de algumas concepções como a da homogeneidade vinculada ao texto e ao autor.

Na nossa compreensão — visto que a literatura constitui um discurso e, por isso, passível de tornar-se objeto de estudo da AD — a teoria da intertextualidade marca o início da desconstrução da idéia de um discurso literário homogêneo. Representa o reconhecimento da heterogeneidade como condição essencial da produção literária, pois como afirma Kristeva

² Sabe-se que a disciplina é designada em singular por mera convenção, pois nela se agrupam as mais diversas correntes teóricas. Para este trabalho, privilegiamos a teoria da intertextualidade, iniciada por Julia Kristeva.

...todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto (1974:59).

Há semelhanças de enfoque entre a intertextualidade e a heterogeneidade discursiva da AD, que podem ser apreciadas ao parafrasear Kristeva e transformar seu enunciado em

todo discurso se constrói como mosaico de outros discursos, todo discurso é absorção e transformação de outros discursos

Reconhecemos, entretanto, que devido às particularidades do discurso literário há também divergências entre essas noções. Uma delas refere-se, por exemplo, ao fato de que nos estudos literários se explicita a presença de outras vozes numa obra não em termos discursivos, mas sim em termos intertextuais, relativos, somente, ao campo específico da literatura. Predomina nas análises o interesse por localizar os influxos de outros textos literários e não de discursos de outras áreas do conhecimento humano, como ocorre na AD.

Outro aspecto diferencial com respeito à heterogeneidade nos estudos literários é o núcleo das discussões na seqüência à teoria da intertextualidade. Enquanto a AD trabalha com os níveis explícitos e implícitos da alteridade presente num discurso, entre os estudiosos da literatura não há um consenso a respeito da identificação da intertextualidade com relações explícitas ou implícitas.

Barthes, por exemplo, reforça o pensamento de Kristeva ao afirmar:

Todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele (...) o intertexto é um campo geral de fórmulas anônimas, cuja origem é raramente localizável, de citações inconscientes ou automáticas feitas sem aspas (1983:16).

Esta asserção nos permite concluir que ele concebe a intertextualidade, preponderantemente, como relações implícitas, não marcadas no texto.

Outros estudiosos, entretanto, não aceitam que a intertextualidade seja compreendida como um fenômeno imanente, difícil de ser identificado. Eles defendem que o intertexto deve referir-se a traços explícitos da presença de outra obra, e não a um amplo processo genético. Para Laurent Jenny, por exemplo,

a intertextualidade designa não uma soma confusa e misteriosa de influências, mas o trabalho de transformação e assimilação de vários textos operado por um texto centralizador, que detém o comando do sentido (1979:14).

Assim, para Jenny, a intertextualidade tem a ver com relações explícitas entre os textos, que, segundo ele, formam uma rede intertextual em contínua expansão.

Como a heterogeneidade discursiva na AD, a intertextualidade é também uma noção muito produtiva, pois a partir dela decorreram outros estudos importantes no campo teórico da literatura. Porém, aqui delimitamos seu percurso, uma vez que nosso propósito não é esgotar todas as referências sobre o tema, e sim apresentar as que consideramos pertinentes para levar adiante esta interface.

Análise

Tendo em vista toda a reflexão anterior sobre a noção de heterogeneidade discursiva, pensamos que a análise de um texto literário sob a perspectiva da AD seria o caminho

adequado para verificar a natureza heterogênea do discurso literário. Com este objetivo, escolhemos o seguinte poema de Carlos Drummond de Andrade:

Europa, França e Bahia

Meus olhos brasileiros sonhando exotismos.

Paris. A torre Eiffel alastrada de antenas como um caranguejo.

Os cais bolorentos de livros judeus

e a água suja do Sena escorrendo sabedoria.

O pulo da Mancha num segundo.

Meus olhos espiam olhos ingleses vigilantes nas docas.

Tarifas bancos fábricas trustes craques.

Milhões de dorsos agachados em colônias longínquas formam um tapete para Sua Graciosa Majestade Britânica pisar.

E a lua de Londres como um remorso.

Submarinos inúteis retalham mares vencidos.

O navio alemão cauteloso exporta dolococéfalos arruinados.

Hamburgo, embigo do mundo.

Homens de cabeça rachada cismam em rachar a cabeça dos outros dentro de alguns anos

A Itália explora conscienciosamente vulcões apagados,

vulcões que nunca estiveram acesos

a não ser na cabeça de Mussolini.

E a Suíça cândida se oferece

numa coleção de postais de altitudes altíssimas.

Meus olhos brasileiros se enjoam da Europa.

Não há mais Turquia.

O impossível dos serralhos esfâcela erotismos prestes a declanchar.

Mas a Rússia tem as cores da vida.

A Rússia é vermelha e branca.

Sujeitos com um brilho esquisito nos olhos criam o filme bolchevista e no túmulo de Lenin em Moscou parece [que um coração enorme está batendo, batendo mas não bate igual ao da gente...

Chega !

Meus olhos brasileiros se fecham saudosos,

Minha boca procura a “Canção do Exílio”.

Como era mesmo a “Canção do Exílio” ?

Eu tão esquecido de minha terra...

Ai terra que tem palmeiras

onde canta o sabiá !

(Alguma Poesia. Belo Horizonte: Edições Pindorama, 1930)

Este texto chamou a nossa atenção, principalmente, pela sua densidade semântica, percebida na sua própria constituição, uma vez que o sujeito-autor organiza seu discurso conjugando saberes das mais diversas procedências como, por exemplo, elementos de

dimensão espacial e temporal. Por ser um poema, identificamos o espaço a partir do qual o sujeito constrói seu dizer como formação discursiva literária.

Assim, partindo da FD literária, o sujeito-autor recorre ao interdiscurso e se apropria dos saberes de outras formações discursivas (FD) para complementar e reforçar o seu discurso. Contudo, observamos que duas se destacam ao longo do processo discursivo. Elas formam, de maneira mais evidente, uma rede de sentidos através da mobilização de termos e enunciados identificados com os seus domínios, às quais denominaremos FD capitalista e FD comunista.

Todo o texto parece estar construído de forma a comparar os discursos historicamente antagônicos do capitalismo e do comunismo, estabelecendo-se entre eles uma constante tensão. É o que acontece quando o sujeito do discurso menciona e critica países que adotam e defendem o sistema econômico capitalista como, por exemplo, França, Inglaterra, Alemanha e Itália; em contraposição à Rússia, que representa o comunismo, e sobre a qual não há observações incisivas.

Em *Tarifãs bancos fábricas trustes craques* o sujeito-autor retoma, através de designações-chave, algumas práticas essenciais do capitalismo como a taxação alfandegária de produtos externos, a acumulação de capitais, a automação industrial para reduzir custos e otimizar a produção, a supressão da concorrência e a especulação dos mercados. Neste ponto a tensão aumenta, por um lado, pela saturação que provoca na memória a retomada dessas práticas através do efeito de aliteração causado pela materialidade lingüística. Por outro lado, o termo *craques* mobiliza a memória discursiva para transportar-nos a 1929, ano da quebra da bolsa de Nova Iorque, um evento que desestabilizou não só a economia como também a política mundial. Todavia, a tensão se torna flagrante na maneira pela qual o sujeito do discurso articula o enunciado em questão, dispondo os termos num crescendo como se fossem etapas de um processo cujo desenlace é a *quebra*, a *falência* do sistema econômico capitalista.

Além desse enunciado que consideramos o mais representativo da FD capitalista, é possível associar à mesma FD alguns termos que o sujeito vai incorporando ao seu discurso na medida em que descreve os países capitalistas. É o caso de *cais*, *docas*, *navios* que, relacionados às reiteradas imagens do mar, nos indicam a constante necessidade de expansão do capitalismo, o que significa não só o seu fortalecimento como, principalmente, a sua sobrevivência. Conquistar novos domínios além-mar, estabelecer *colônias longínquas* e criar mercados de consumo para os quais *exporta* os excedentes da produção industrial. Temos, ainda, *Majestade* e *Mussolini* representando duas formas de governo que se apóiam no capitalismo, a monarquia e o fascismo.

Vejamos agora, em oposição ao capitalismo, quais são as principais seqüências discursivas que tecem as tramas do discurso comunista. Começamos com *Milhões de dorsos agachados em colônias longínquas formam um tapete para Sua Graciosa Majestade Britânica pisar*, que nos remete à exploração do homem pelo capital. Ora, sabemos que foram os comunistas, inspirados em Marx, os primeiros a denunciar essa situação e a referir-se dessa maneira ao que os capitalistas denominam, simplesmente, *livre iniciativa privada*. Temos também *Mas a Rússia tem as cores da vida*, *A Rússia é vermelha e branca*, *Sujeitos com um brilho esquisito nos olhos criam o filme bolchevista e no túmulo de Lenin em Moscou parece que um coração enorme está batendo, batendo*, estes enunciados se referem, respectivamente, à identificação do governo comunista com as cores da bandeira russa, à revolução do proletariado e ao desejo de expandir o ideário comunista pelo mundo.

Embora não tenhamos enunciados nos quais identificar, de maneira explícita, a postura do sujeito do discurso com relação ao comunismo, não temos dúvida de que ele se posiciona contra o capitalismo e para tal se apoia nos saberes da FD comunista. A partir da organização do discurso é possível descrever o trajeto interdiscursivo do sujeito, desde a FD literária para as FD capitalista e comunista, entre outras, até retornar à sua FD de origem. Este retorno está

representado pela citação de um texto já consagrado pela tradição literária, a *Canção do Exílio*, de Gonçalves Dias.

Contudo, a riqueza do poema nos permite ainda traçar uma interessante comparação entre esse percurso e um outro que denominaremos *intergeográfico*. Este se inicia com referências ao Brasil, *Meus olhos brasileiros sonhando exotismos*, para logo atravessar o oceano e prosseguir pela França, a Inglaterra, a Alemanha... até chegar à Rússia. Mas, com a seqüência, *Meus olhos brasileiros se fecham saudosos*, fica marcado o término desse roteiro e a volta para a própria terra. Assim, encontramos uma semelhança entre o percurso interdiscursivo e o intergeográfico, ou seja, percebemos dois caminhos paralelos que se entrecruzam indicando o deslocamento do sujeito do seu espaço de origem para outros espaços e o seu regresso.

É exatamente esse processo que permite a configuração heterogênea da formação discursiva, como o demonstrou Courtine, pois é o sujeito dividido, incompleto, que, na busca de identidade, provoca os deslocamentos da sua FD em contato com outras formações discursivas. Em última instância, é o sujeito que intervém, de maneira decisiva, para tornar movediças as fronteiras das FD no desejo de sustentar seu dizer e constituir-se sujeito-autor do seu discurso.

Constatar a presença das formações discursivas comunista e capitalista foi suficiente para comprovar a heterogeneidade do discurso analisado; no entanto, é preciso ressaltar que outras FD estão presentes na suas tramas. Finalizando, tornar evidentes os saberes do comunismo e do capitalismo imbricados no poema de Drummond resultou bastante significativo não só por apontar a natureza heterogênea do discurso literário, mas também por mostrar a relevância das discussões que o confronto dessas formações discursivas provoca até nossos dias.

Considerações finais

Embora seus objetos teóricos tenham em comum a mesma materialidade lingüística como base dos procedimentos analíticos, este trabalho apontou mais divergências do que afinidades entre a Análise de Discurso francesa — fundada por Michel Pêcheux — e a Teoria Literária — com referências específicas à teoria intertextual de Kristeva. O cotejo das noções de heterogeneidade discursiva e de intertextualidade possibilitou entrever algumas singularidades na constituição, no percurso teórico inicial e, principalmente, no funcionamento de cada uma delas na prática analítica.

Nesse sentido, as noções estudadas revelam como cada disciplina considera a relação entre discurso e exterioridade. Na Teoria Literária, conforme análises mais tradicionais, a exterioridade está vinculada às relações de uma obra com outros textos literários, ou seja, em termos intertextuais. Além disso, essas relações são especificadas e apresentadas, em geral, num ponto separado da análise estrutural da obra. Já na AD, a exterioridade é um elemento constitutivo do discurso, por isso, na análise não há uma diferenciação entre relações internas ou externas, por exemplo. Por outro lado, a exterioridade é considerada com base na relação entre formações discursivas no espaço do interdiscurso, ou seja, para o analista do discurso não interessa especificar relações entre textos, e sim entre discursos de diversas FD, não só da literatura, como ocorre nos estudos literários.

Assim, levando em conta que a Análise de Discurso francesa não trabalha em termos quantitativos e sim realizando recortes, pensamos que a AD pode constituir-se numa outra forma interessante de aproximação do literário. Isto representaria um verdadeiro desafio, pois investigar e tornar explícitos os discursos de outras formações discursivas, ultrapassando as fronteiras da literatura, permitirá uma maior exposição do leitor à opacidade da obra literária.

Referências Bibliográficas

- ANGENOT, Marc et al. (org.). *Teoria Literária*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995. (Nova Enciclopédia).
- ANDRADE, Carlos Drummond. *Reunião*. 10 livros de poesia. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas: IEL - Unicamp, 1990, 19.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoievski*. Rio de Janeiro: Forense-Universitário, 1981.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Lisboa: Edições 70, 1983.
- BLOOM, Harold. *A angústia da influência*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- COURTINE, Jean-Jacques. Analyse du discours politique. *Langages*. Paris: Larousse, 1981, 62 (Jun).
- JENNY, Laurent. A estratégia da forma. *Poétique. Intertextualidades*. Coimbra: Livraria Almedina, 1979, 27 (5).
- KRISTEVA, Julia. *Ensaio de semiologia*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1971.
- _____. *Introdução à semiologia*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada*. São Paulo: Edusp, 1997.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso*. Campinas: Unicamp, 1988.
- _____. “Remontémons de Spinoza a Foucault”. In: TOLEDO, M. Monforte (org.). *El discurso político*. México: Nueva Imagen, 1980.
- SIMON, Iumna Maria. *Drummond: uma poética do risco*. São Paulo: Ática, 1978, (Ensaio 43).
- WELLEK, Rene. *Teoria da Literatura*. Lisboa: Europa-América, 1971.